

MAESTRI, Mário. **Carça de Negro**. Joinville (SC): Clube dos Autores, 2023 (285 págs.)

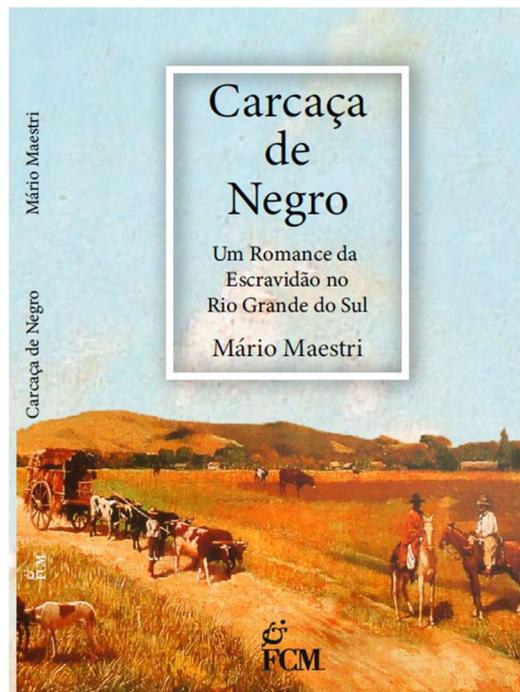
Um romance pioneiro sobre a escravidão sulina

Carça de Negro, do historiador Mário Maestri, porto-alegrense, nascido em 1948, já havia sido publicado como uma breve novela, em 1988, quando do I Centenário da Abolição da Escravatura, transcurso que ensejou uma enorme e multifacetada produção sobre o passado escravista brasileiro.

Passados 34 anos, o autor nos apresenta, sob o mesmo título, obedecendo ao enredo original, literalmente um novo texto quanto aos cenários abordados, ao número de personagens e, sobretudo, quanto à riqueza e amplitude da narrativa.

Em 1988, e ainda hoje, salvo engano meu, **Carça de negro** foi e continua sendo a primeira narrativa ficcional em prosa no Rio Grande do Sul que teve como protagonista central, de fio a pavio, um escravo, ou, como o autor prefere denominar em sua obra historiográfica, um trabalhador escravizado.

O que não é de surpreender. Pois Mário Maestri foi pioneiro no estudo da escravidão sul-rio-grandense, tendo como nexos explicativos o trabalho e a resistência do cativo à escravidão. Em 1977, o autor defendeu tese de doutoramento sobre a escravidão sulina e a charqueada, na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, onde já tinha aprovado dissertação de mestrado sobre a história da África Negra Pré-Colonial. Naquele momento, escravidão era tema semi-ignorado sobretudo no Rio Grande do Sul.



Em **Carça de Negro**, Joaquim, um moleque – mulato – nascido em uma charqueada de Palhetas, centro escravista imaginário, em tudo inspirado na então vila de Pelotas, devido ao seu esforço e aos azares da sorte, inicia progressão pessoal que o leva bem mais além do que apenas sonhara, lançando mão das armas de que dispunha. Não espere o leitor como protagonista um alter ego masculino da escrava Isaura ou um herói todo ele “sem caráter” andradiano.

A progressão de Joaquim, ainda *molequinho*, inicia no interior da charqueada, como parte da escravaria de rico saladeirista lusitano, recriação literária do célebre e contraditório charqueador português Antonio Gonçalves Chaves, abolicionista e escravista. E se desdobra nas suas aventuras, quando recebe a carta de alforria para substituir seu senhorzinho nas tropas imperiais na Guerra contra o Paraguai. De volta do conflito, Joaquim se estabelece na Depressão Central para, finalmente, voltar à terra que o vira nascer e concluir sua existência como pequeno mas sólido e respeitado criador.

Na verdade, aqui temos uma outra faceta do Mário Maestri. Não descolada do historiador, do teórico. Até porque toda a trama do romance está ancorada em pesquisa lapidar que embasa os fatos romaneados. Ou seja, quanto aos personagens, cenários e enredo, **Carça de Negro** se apresenta como um sólido romance histórico, construído – e não é demais lembrar – por reconhecido estudioso sobre a escravidão colonial, com ênfase no Rio Grande do Sul, e sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Ainda e neste sentido, cabe notar que as aventuras e desventuras de Joaquim, no Paraguai – aliás, um tema igualmente pouco explorado pela nossa narrativa ficcional – constitui uma trama toda ela agora introduzida, ao ser reescrita a narrativa de Mário Maestri. Para tal, o autor apoiou-se em contundente investigação, de cerca de uma década, sobre a “Guerra Grande”, da qual resultou uma história geral daquele conflito, em quatro volumes, publicados em português e em espanhol, nos últimos anos.

E mesmo nesse tocante, o autor, historiador calejado, avança com cuidado, procurando contornar as armadilhas desse gênero de narrativa. A surpresa desse romance é o domínio de Mário Maestri da narrativa ficcional, que nos envolve de tal modo, que, após começar a leitura, é difícil abandoná-la. Sobretudo Mário Maestri dá rosto, feições, voz, olhos, fala, corpo para aqueles que dificilmente se personalizam e se personificam quando resgatados pela historiografia.

Carça de Negro se apresenta, igualmente, como uma preciosa e artesanal representação do passado, sempre com os pés fincados nas dores motivadas pelos tempos pretéritos, para além das descrições piedosas e

apologéticas tão comuns, não apenas na ficção histórica sulina. Ou seja, não se enganem, não são histórias da imaginação, não é um conto de bruxas más para assustar criancinhas mal-comportadas. É apenas recriação literária da dura realidade escravocrata, cujos efeitos funestos invadem nossa realidade ainda hoje.

Nara Helena Naumann Machado,
Historiadora e Arquiteta

Por que razão o autor guardou esse livro por tantos anos sem o publicar? O leitor é engolfado por uma torrente de emoções, de surpresas e de reviravoltas? Não há moralismo nem teses. O romancista conta a história de pessoas, sem fazer delas meros exemplos de estruturas. Ao longo dessas páginas vertiginosas aparecem os “voluntários da pátria”, os comandantes militares e suas vaidades, os parasitas e suas loucuras, os oportunistas em pencas, a escravidão, os sonhos da liberdade, a dificuldade enfrentada por um escravo fugitivo para sobreviver sob a perseguição implacável dos capangas dos seus donos, a prostituição de meninas, a proteção com interesse sexual, a crueza das relações cotidianas, a vida sem tréguas nem calmarias.

Da apresentação
Juremir Machado da Silva